

NOTICIÁRIO

D. PEDRO II E SÃO PAULO NA ÉPOCA DE CARLOS GOMES

Numa promoção do Museu Imperial, de Petrópolis, do Museu Arquidiocesano de Campinas, da Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo e do Museu Universitário de nossa Universidade, realizou-se de 12 de agosto a 23 de setembro uma série de conferências subordinada ao título supra. Inseriu-se a promoção nas festividades comemorativas do sesquicentenário de Carlos Gomes, efeméride bastante celebrada em todo o País. Na mesma ocasião, esteve aberta à visitação pública valiosa mostra de objetos históricos cedidos, para esse fim, pelo Museu Imperial de Petrópolis.

Conferências proferidas: “Patrimônio cultural e política de preservação”, pela professora Regina Márcia M. Tavares; “Campinas na segunda metade do século XIX”, pela professora Maria Carolina B. Galzerani; “Bases do desenvolvimento industrial paulista”, pelo professor Wilson Cano; “Artes e artistas esquecidos”, pelo historiador Celso Maria de Mello Pupo; “Música em Campinas no final do século XIX”, pelo professor José Alexandre dos Santos Ribeiro, cabendo ao professor Odilon Nogueira de Matos encerrar a série falando sobre o grande compositor campineiro.

*

CENTENÁRIO DO “RAMAL DE CALDAS”

Duas expressivas figuras da vida cultural de Poços de Caldas — os drs. Leibnitz Hovelacque e Jurandir Ferreira — ocuparam-se de significativa ocorrência cujo centenário transcorreu em outubro: a inauguração do ramal férreo da **Mogiana**, construído a partir de Cascavel (hoje Aguaf) para atingir a então nova cidade balneária. Um e outro souberam enfatizar com propriedade a importância do evento, tão importante, de fato, que contou com a presença do Imperador D. Pedro II e da Imperatriz Dona Teresa Cristina.

Inseriu-se o “Ramal de Caldas”, que é como, de início se chamava no contexto bem conhecido da captura ferroviária realizada em território mineiro pelas estradas de ferro paulistas. Partindo de Campinas, e

tendo a estação terminal em Araguari, a **Mogiana** lançava, ao longo de seu extenso percurso, numerosos ramais, muitos dos quais penetravam em território mineiro e articulavam-se com ferrovias mineiras. Isto fez com que grande parte do Sul de Minas e do Triângulo Mineiro fosse capturado para a economia paulista, pois suas ligações eram muito mais fáceis com Campinas e São Paulo do que com outras cidades mineiras. E Poços de Caldas, cujo município faz divisa com São Paulo, foi das primeiras a ser “capturada”.

Tal situação (de captura) perdeu até o surgimento da era rodoviária. Só com esta, Poços passou a ter ligações rápidas e eficientes com outras cidades mineiras, inclusive a própria capital do Estado. No “tempo do trem”, Poços era uma cidade pouco mineira. Toda a sua vinculação material e cultural era com São Paulo. Poucos mineiros a freqüentavam, pela dificuldade de acesso. Alguém que, de Belo Horizonte, quisesse ir a Poços teria de fazer um longo percurso, sujeitando-se a pernoites e baldeações. Por isto, os mineiros preferiam as estâncias do Sul de Minas (tal como os cariocas), de acesso mais fácil.

Mas, com o advento da era rodoviária, a função de captura da velha **Mogiana** desapareceu e com ela desapareceu a própria ferrovia, hoje utilizada apenas para o transporte de minério. Mas o trem teve em Poços seu papel, econômico e social. Esperá-lo, às cinco horas da tarde, era o principal acontecimento do dia. Metade da população ocorria à estação para ver os que chegavam. E a quantidade enorme de agenciadores de hotéis e carregadores dava à praça fronteira uma azáfama bastante festiva. Tudo isto desapareceu. Mas é significativo ver que ainda há quem se lembre do velho trem, especialmente quando se comemora o seu centenário.

*

ERNESTO LEME

O grande paulista que se chamou Ernesto Leme, cujo falecimento ocorreu a 21 de maio, privou São Paulo e o Brasil de uma de suas maiores figuras, notadamente nos setores da jurisprudência, da diplomacia e da política, nasceu na vizinha cidade de Bragança, mas, quando estudante viveu em Campinas, diplomando-se professor pela nossa tradicional Escola Normal. Sua família e ele próprio foram sempre muito vinculados a Campinas, pois dois de seus irmãos aqui exerceram o magistério por longo tempo. Ernesto Leme, que foi sócio honorário de nossa Academia Campinense de Letras, gostava de recordar com muita saudade a fase